



teatro
CENTELHA

HELDER COSTA

D. JOÃO VI



HELDER COSTA



D. JOÃO VI

TEATRO



COIMBRA

1979

Título — *D. João VI*

Autor — *Helder Costa*

Capista — *João Botelho*

Editor — *Centelha Promoção do Livro, S A R L*
apartado 241 — Coimbra

PRÉMIOS OBTIDOS:

«*Zé do Telhado*» — *Prémio CAU FERRAT* — melhor qualidade artística — representada pelo G. T. «*A BARRACA*», no XI Festival Internacional de Teatro de Sitges, 78.
«*D. JOÃO VI*» — *Prémio SANTIAGO RUSIÑOL* — melhor texto de teatro inédito — XI Festival Internacional de Teatro de Stiges, 78; — *Prémio da Associação Técnica e Artística de Descentralização Teatral (ATADT)*, 78.

OBRAS DO AUTOR:

- 1974 — «*Liberdade, Liberdade*» (em colaboração com Luiz Francisco Rebello e Luís de Lima) — Editora Prelo
- 1976 — «*Histórias de fidalgotes e alcoviteiras, pastores e judeus, mareantes e outros tratantes sem esquecer suas mulheres e amantes*» (dramaturgia sobre textos de Gil Vicente e Ruzante) — editora Grupo de Acção Cultural «*Vozes na Luta*».
- 1977 — «*António Aleixo — este livro que vos deixo*» (plano de encenação e dramaturgia sobre a obra de António Aleixo).
- 1977 — «*O Congresso dos Pides*» e «*Um Inquérito*» inserido na obra colectiva «*Ao Qu'isto Chegou*» — Editorial Estampa.
- 1977 — «*A Camisa Vermelha*» — Centelha
- 1977 — «*3 histórias do dia a dia*» — «*o jogo da bola*» «*a sorte grande*» e «*a vaca prometida*» — Edição da Sociedade Portuguesa de Autores.
- 1978 — «*Zé do Telhado*» — Centelha
- 1979 — *D. João VI* — Centelha

A SAIR:

«*Teatro Operário*» — estudo teórico e textos colectivos do Teatro Operário de Paris «*18 de Janeiro de 1934*» e «*O Soldado*» — Edição Centelha.

D. JOÃO VI

DE

HELDER COSTA

Esta peça foi estreada pela Cooperativa de Trabalhadores de Espectáculos «A BARRACA», na sua sede, Centro de Cultura Popular de São Mamede, em Lisboa, em Abril de 1979, com o seguinte

ELENCO

(POR ORDEM ALFABÉTICA)

António Cera D'Anjo

João Maria Pinto

João Soromenho

Luís Lello

Manuel Marcelino

Margarida Carpinteiro

Maria do Céu Guerra

Mário Viegas

Paulo Guedes

Paula Só

Santos Manuel

Colaboração musical: *Luís Pedro Faro*

Cenografia: *«A Barraca»*

Luminotecnia: *Paulo Graça*

Encenação: *Helder Costa*

PERSONAGENS

<i>D. João VI</i>	<i>José Anastácio</i>
<i>Arcebispo de Tessalónica</i>	<i>João dos Santos</i>
<i>D. Maria I</i>	<i>Embaixador Francês</i>
<i>Confessor D. José</i>	<i>Embaixador Inglês</i>
<i>Carlos IV</i>	<i>Alferes</i>
<i>D. Carlota Joaquina</i>	<i>D. Miguel</i>
<i>Luis Pinto</i>	<i>D. Pedro</i>
<i>Seabra da Silva</i>	<i>D. Rodrigo</i>
<i>Pina Manique</i>	<i>Palmela</i>
<i>António Araújo</i>	<i>Freire de Carvalho</i>
<i>Duque de Lafões</i>	<i>Cardeal Patriarca</i>
<i>Francisco Lobato</i>	<i>Silvestre P. Ferreira</i>
<i>Junot</i>	<i>Conselheiro</i>
<i>Laura Junot</i>	<i>Nobres, aias, embaixadores,</i>
<i>Jardineiro</i>	<i>deputados, Ministros, padres,</i>
	<i>médicos, beatas, etc.</i>

ACTO I

1. D. JOÃO CANTA O CANTO-CHÃO;
2. D. MARIA I, COM O SEU CONFESSOR;
3. D. JOÃO E A MÃE
4. D. JOÃO APRENDE UMA PARTE DA VIDA;
5. CASAMENTOS IBÉRICOS;
6. D. CARLOTA JOAQUINA COM AS SUAS DAMAS DE HONOR;
7. AULA POLÍTICA (1791);
8. CONFISSÃO DE D. MARIA I;
9. D. JOÃO É INVESTIDO COMO ADMINISTRADOR;
10. O PAÍS A MANDO DE D. JOÃO;
11. DOENÇA DE D. MARIA I
12. LUÍS PINTO DE SOUSA COUTINHO;
13. D. JOÃO VI EM MAFRA. BAPTIZADO DE D. MIGUEL (1802);
14. CHEGADA DE JUNOT EMBAIXADOR;
15. HISTÓRIAS DE D. CARLOTA JOAQUINA;
16. CONSELHO DE MINISTROS COM O EMBAIXADOR INGLÊS;
17. A FUGA.

1. D. JOÃO CANTA O CANTO-CHÃO

Num ambiente soturno dado pela luz de velas e alguma claridade, o Infante D. João aprende a tocar num órgão e a cantar o canto-chão.

Ao seu lado, um padre ensina-o, e outro padre, de pé, acompanha-os a tocar violino.

(A música deve ser calma e lírica, contrastando com o ambiente opressivo que se desenvolve. Esta cena continua, «em surdina», enquanto se desenrola a cena 2).

2. D. MARIA I, COM O SEU CONFESSOR

A um canto da cena, D. Maria, sentada num cadeirão, reza enquanto faz passar as contas de um terço.

Entra o Arcebispo de Tessalónica, confessor da Rainha.

ARCEBISPO — Magestade... como estais?

D. MARIA (ajoelhando-se — Meu confessor... tanta demora...

ARCEBISPO — Desculpai Alteza, mas não havia pressa em salvar alguma alma transviada... e... imagine que me ofereceram a provar um pouco de leitão... (ri jovialmente, de uma forma simpática).

D. MARIA I — A minha alma... meu confessor... a minha alma... sabeis bem, que ela está perdida...

ARCEBISPO — Alteza... não vos inquieteis...

D. MARIA I — Quero lutar pela minha salvação... à noite, tenho sonhos, presságios...

ARCEBISPO — Mas, não há motivo, senhora...

D. MARIA I — Outra gente, que não vós, me fala dos crimes que meu pai cometeu...

ARCEBISPO — Vós sois uma alma piedosa, de grande generosidade... valha a Deus receber em sua casa, tão grande exemplo de amor...

D. MARIA I — Vejo labaredas do Inferno. Penso no que Jesus sofreu... ajudai-me... ajudai-me... (*começa numa irritação crescente*).

ARCEBISPO — Alteza, eu sou um fiel servidor do Senhor... tudo, em vós, me diz que a vossa alma é límpida, e que nunca a tortura das chamas purificadoras recairá sobre vós...

D. MARIA I — Palavras para me tranquilizar... (*gritos*) salvai-me... salvai-me. Piedade! Distribuí esmolas pelos pobres. Que eles salvem o meu espírito... Que Deus se condoia de mim...

(*Gritos. Histeria. O Arcebispo ajoelha-se para a ajudar a levantar-se. D. Maria I fica encostada ao peito do Arcebispo, gritando e chorando baixinho. O Arcebispo reza cada vez mais alto.*)

Ao mesmo tempo, eleva-se a música da cena 1, até ao paroxismo)

3. D. JOÃO E A MÃE

(D. Maria I continua a gritar, vai-se acalmando, Arcebispo volta a colocá-la num cadeirão, e afasta-se cautelosamente)

(No outro lado da cena, D. João continua a cantar e a tocar acompanhado pelos padres. Surge um padre mais velho)

PADRE VELHO — Magnífico! bellissimo aqui está alguém que vai corresponder aos princípios cristãos dos seus antepassados. Que orgulhoso ficaria o seu bisavô, o saudoso D. João V...

PADRE 2 (ao violino) — O magnânimo... (sublinha com arpejos)

PADRE 1 (ao piano) — Aquele convento de Mafra (sublinha com notas de piano)

D. JOÃO — Muito me apraz cantar em Mafra. Podia lá viver toda a vida... (canta um pouco)

PADRE VELHO — Oh, nobre Infante, isso nunca. Portugal espera muito de vós. Outras regras e outras leis. O fim da opressão desse maldito Marquês anti-jesuíta.

D. JOÃO — Minha mãe saberá...

PADRE VELHO — Vossa mãe nada pode. Vossa mãe está dominada pelas forças do Mal incarnadas nesse ser, sem coração. Como vosso avô...

PADRE 1 — O infeliz Rei D. José...

PADRE 2 — De quem só resta uma estátua a cavalo, no Terreiro do Paço...

D. JOÃO — Mas... a minha mãe...

(No outro ponto da cena, D. Maria I recomeça com uma cena de histeria, arrastando-se pelo chão)

PADRE VELHO — Pobre Rainha... venha ver... venha...

(Padre velho arrasta D. João até meio da cena. Daí, o Infante vê D. Maria I a chorar e a gritar, revolvendo-se pelo chão)

D. JOÃO — Mas... mãe...

PADRE VELHO — Vêde Infante... o castigo de Deus. Ela paga pelos crimes desse infame Marquês de Pombal, pela cobardia de El-Rei D. José...

D. JOÃO *(gritando, com medo)* — Não... não...

(foge para perto do piano. Os padres recomeçam a tocar e a cantar. Refaz-se um ambiente musicalmente belo e lírico)

PADRE VELHO — Não tendes medo, Infante. Vós sois novo, e ainda podeis salvar-vos. Muito tereis que aprender, muito tereis de lutar. Mas Deus dá-vos a possibilidade da escolha. Acreditai em nós, vossos humildes servidores. A nossa vida está ao serviço da vossa alma e do vosso Reino.

(D. João soluça e tenta cantar atabalhoadamente. Os outros padres cantam cada vez mais alto)

4. D. JOÃO APRENDE UMA PARTE DA VIDA

(irrompe em cena uma jovem camponesa. Num canto, imita que está a lavar roupa. Canta alegremente)

D. João aparece a um canto com os padres.

PADRE 1 — Vêde, senhor, que bela moçoila! ela espera por vós!

D. JOÃO — Por mim? nem a conheço...

PADRE 2 — Mas a Vossa Alteza, todos conhecem...

PADRE 1 — E todos obedecem...

D. JOÃO — Mas eu não lhe quero ordenar nada...

PADRE 1 — Vamos lá... vamos lá... precisais de vos iniciar noutras coisas...

PADRE 2 — Não é só o canto-chão...

PADRE 1 — Tendes o nome do vosso bisavô a respeitar...

D. João V, se não sabeis ficais sabendo... tinha muitas mulheres e todas o adoravam...

D. JOÃO — Mas, eu...

PADRE 1 — Vamos, príncipe. Nós ajudamos.

(Avançam para a camponesa)

PADRE 1 — Então, rapariga... roupa limpa

RAPARIGA — Salvé, senhor padre. A água é boa, vê-se que está abençoada aqui pelo mosteiro.

PADRE 2 — Mafra é uma terra santa, não te esqueças!

Mas... ouve lá, não beijas a mão ao príncipe D. João?

RAPARIGA *(atrapalhada)* — O príncipe... *(vai de joelhos, até lhe beijar a mão)* desculpai, Alteza... não o via há muitos anos...

D. JOÃO — Levantai-vos...

(Padre 1 e 2 segredam ao ouvido do príncipe, e empurram-no até ele cair ao lado da camponesa)

D. JOÃO — Oh! que é isto?

RAPARIGA — Sua Alteza caiu! deixe-me levantá-lo. E sacudi-lo do pó...

(começa a limpá-lo com as mãos. D. João agarra-lhe numa mão)

D. JOÃO — Não é preciso...

PADRES *(mais afastados, um de cada lado)* — Isso, isso...

D. JOÃO *(tentando beijá-la)* — Unh!...

(Rapariga foge. Um dos padres não a deixa passar. Foge para o outro lado. O outro padre impede-lhe também a passagem)

(D. João, de gatas, tenta apanhá-la. Os padres apertam o cerco. A rapariga grita e cai. Os padres agarram em D. João e colocam-no em cima da rapariga. Gritos da rapariga. O acto sexual é efectuado ao ritmo e ao som do canto-chão).

5. CASAMENTOS IBÉRICOS

(Cavalheiros afectados e cerimoniais, damas com decotes atrevidos, e com pinturas exageradas. Dançam minuets mesureiros e delicados, com minúcias excessivas. A um canto, os músicos. Espalhados por outros cantos da cena, a família Real, Embaixadores estrangeiros, etc.

Um bobo e uma anã preta fazem momices, e tentam perseguir um morcego com grandes canas. Misturas de gargalhadas cumuladas e danças)

PADRE VELHO — Agora, vai cantar a Rainha D. Maria, a Piedosa... *(silêncio; paragem do baile)*

D. MARIA I — Para esta minha Corte, para este conjunto de amigos, algumas àrias que o Mestre *(aponta para o maestro dos músicos)* teve a infinita paciência de me ensinar...

(palmas discretas e cerimoniais)

(D. Maria I começa a cantar. É horrível e desafinada. Muitos aplausos no final. Beija-mão, etc.)

EMBAIXADOR ESPANHOL — Sua Alteza, permiti-me que vos cumprimente...

D. MARIA — Oh, por quem sois... é sempre com enorme prazer que eu recebo a homenagem da nossa vizinha Espanha... como vai o vosso Rei Carlos IV?

EMBAIXADOR — Esperando sempre notícias vossas... sempre se resolvem os casamentos entre os infantes Portugueses e Espanhóis, ou Sua Alteza tem outras ideias de felicidade futura para o vosso filho D. João?

D. MARIA I — Vós sabeis bem que estes casamentos serão de um grande interesse para a amizade entre os nossos países...

EMBAIXADOR — Mas D. Carlota Joaquina é muito nova... só tem 9 anos...

D. MARIA I — O meu filho D. João pode esperar uns 2 ou 3 anos... e será o pai de Carlota que decide se ela está em con-

dições de esposar o meu filho... peço-lhe unicamente que insista no grande interesse que estes matrimónios teriam para uma maior amizade entre todos nós...

EMBAIXADOR — Com certeza, Majestade...

(Reverência cerimoniosa. Embaixador afasta-se. A festa extingue-se, deslocando-se para um canto da cena. A um canto, está Carlos IV, Rei de Espanha, sentado. O embaixador dirige-se a ele)

CARLOS IV — Que novas trazeis?

EMBAIXADOR — Acabei de falar com a Rainha D. Maria I... está preocupada com os casamentos...

CARLOS IV — Com os casamentos? Por Deus e Castela! Que se façam, já, e o mais depressa possível... *(com tom enfático)*

EMBAIXADOR — Mas a vossa filha, D. Carlota só tem 9 anos...

CARLOS IV — Espera-se um pouco; mas que haja já compromisso... Portugal tem que estar o mais ligado que fôr possível à Espanha. Não podemos perder essa oportunidade... e que o meu filho se case com a filha da Rainha Portuguesa... todos casados, estaremos mais unidos!

(Acompanhamento a órgão, com grande solenidade)

(Para a frente da cena, avançam D. Carlos IV e D. Carlota Joaquina. Tem 10 anos de idade, é pequena, magra, bexigosa. Ajoelham-se.)

CARDEAL *(atrás de uma escrivaninha)* — Aceitais por esposo, o infante D. João, de Portugal?

CARLOTA JOAQUINA — Sim.

CARDEAL — Glória aos povos destas terras; Glória e alegria! Pela lei da Santa Madre Igreja, estais unidos pelos sagrados laços do matrimónio.

(Marcha nupcial. D. Carlos IV e D. Carlota Joaquina levantam-se, são cumprimentados e beijados pela Corte).

EMBAIXADOR PORTUGUÊS *(aproximando-se, e transportando um enorme retrato do Infante D. João)* — Alteza... eis o retrato de vosso esposo... foi impossível ter-vos dado a conhecer mais cedo o Infante... é uma oferta do Reino de Portugal...

D. CARLOTA JOAQUINA *(olhando, e abraçando o retrato)* — Muito vos agradeço...

(Começa um baile na Corte, que é interrompido por uma nova marcha nupcial).

Para a frente da cena avançam D. João e D. Carlota Joaquina.

CARDEAL *(atrás dos noivos)* — Descendentes da nobre casa de Bourbon... a união entre os dois povos de Portugal e Espanha estará desde hoje abençoada pelos mais sagrados laços... jurais fidelidade, compreensão e amor...

NOIVOS *(de costas para o padre, e à frente da cena, trocando os anéis)* — Sim, sim... Sim... sim...

CARDEAL — Jurais fidelidade, compreensão e amor...

(D. Carlota Joaquina beija a mão de D. João. Este, acaricia-lhe os cabelos).

CARDEAL — E assim se celebrou uma feliz união para aumentar grandemente a felicidade da Hispânica terra. Que a felicidade destes dois seres, puros e evangélicos, se espalhe pelos seus povos-
(os noivos levantam-se. Os acompanhantes atiram-lhe bagos de arroz. Gritinhos das damas de honor; salamaleques e reverências dos jovens fidalgos)